

HISTÓRIA

O jornal contou: um rapaz de 20 anos, Gerson, foi preso em flagrante quando assaltava um bar, na madrugada de domingo. Na delegacia, contou que era ajudante de caminhão, e sempre tinha sido um rapaz honesto. Fizera aquilo porque sua filhinha de dois anos estava muito doente e ele não tinha dinheiro. Disse ainda que o dono do bar era seu amigo, e podia atestar que ele era um homem direito. O comissário mandou um homem à casa de Gerson e outro chamar o dono do bar. Era tudo verdade. O mais triste dessa história não alegre é que o flagrante foi lavrado e Gerson pôsto na cadeia. O jornal não conta se alguém se lembrou de socorrer a menina de dois anos. Espero que o discutido sr. Cecilio, presidente do IAPETC, tenha se lembrado de socorrer esse membro desgraçado de sua classe — socorrê-lo passando por cima de toda a burocracia — e não apenas devido à aflição de Gerson, como em homenagem a todos os Gersons, que, nesta cidade de gozadores e de miseráveis, sofrem a dolorosa tentação do crime.

E imagino a noite que viveu esse homem. Imagino que estêve no bar sábado à noite, tomou talvez sua cachaça ou uma cervejinha preta, e conversou no balcão com seu amigo, o proprietário. Imagino que viu quando ele contava notas de duzentos e quinhentos cruzeiros, talvez de mil, e guardava na caixa.

Sua vontade e sua vergonha de pedir emprestado; talvez já o tivesse feito outras vezes, talvez estivesse devendo alguma coisa ao amigo. Imagino que, no meio da conversa, ele tenha dito que a menina não estava passando bem, na vaga esperança de que o outro lhe oferecesse dinheiro; então diria que não queria aceitar, ainda estava em falta com o amigo porque ficara de lhe pagar aqueles cinquenta e não fôra possível; e o homem insistiria — ora, deixe disso — esticando-lhe uma cédula de duzentos (talvez de quinhentos) e então ele poria o dinheiro no bolso, diria muito obrigado. Mas o dono do bar talvez nem tenha ouvido direito a história da criança, ocupado em atender os fregueses. Gerson teria ficado ali, em pé, olhando as mesas, calado, na angústia de tomar coragem para aquela "facada", temendo a humilhação de não ser atendido ou de conseguir apenas uma parte mínima do que precisava.

E sua chegada em casa, a pergunta da mulher, seu olhar à criança doente, sua vontade de dormir, de esquecer tudo, e o choro da menina, e a insônia insuportável.

Um homem pensando em dinheiro, um homem precisando urgentemente de dinheiro num quarto estreito do subúrbio de uma grande cidade — uma cidade imensa em que, naquele instante, milhares de homens e mulheres gastam dinheiro alegremente.

Um homem fazendo mentalmente uma lista de amigos e conhecidos, pensando em apelar para algum, e desistindo de todos, um a um. Um homem revendo, como num sonho, aquelas notas coloridas na mão do amigo, aqueles pedaços de papel que compram tudo, que evitam a humilhação e a angústia, que salvam vidas. Um homem saindo de sua casa sozinho, pela madrugada, andando como um sonâmbulo levado por um pesadelo. Um homem de mãos trêmulas, mas gestos violentos, arrombando uma porta, avançando na escuridão. Um homem pilhado como um rato. Imagino essas coisas, e o faço quase friamente; não cultivo o drama, aborreço o patético, e declaro que no momento em que Gerson era levado para a delegacia — o ladrão! — eu estava tomando um bom uísque no "Vogue".

E termino sem tirar conclusão nenhuma, nem conclusão nem moral — que a moral é a parte mais aborrecida de qualquer história, e esta já o está suficientemente.

29/5/52

R. B.